

AS NECESSIDADES FORMATIVAS DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DIANTE DA INDISCIPLINA

Hugo Norberto Krug¹

Moane Marchesan Krug²

RESUMO

Este estudo objetivou analisar as percepções dos professores de Educação Física (EF) da Educação Básica (EB), da rede pública de ensino, de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul (Brasil), sobre as suas necessidades formativas diante da indisciplina dos alunos. A pesquisa foi pesquisa qualitativa descritiva sob a forma de estudo de caso. O instrumento de pesquisa foi uma entrevista. A interpretação das informações coletadas foi realizada por meio da análise de conteúdo. Participaram vinte professores de EF da EB das referidas rede de ensino e cidade. Concluímos que as necessidades formativas manifestadas pelos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos, mostraram um problema crucial, o despreparo docente para enfrentar a indisciplina dos alunos nas aulas de EF da EB.

Palavras-chave: Educação Física. Necessidades Formativas. Indisciplina.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the perceptions of Physical Education (PE) teachers of Basic Education (BE), of the public school network, of a city in the interior of the state of Rio Grande do Sul (Brazil), about their formative needs in face of the students' indiscipline. The research was qualitative descriptive in the form of a case study. The research instrument was an interview. The interpretation of the collected information was carried out through content analysis. Participated twenty PE teachers from BE from the aforementioned education network and city. We conclude that the formative needs expressed by the PE teachers of the BE studied, in front of the students' indiscipline, showed a crucial problem, the teacher unpreparedness to face the students' indiscipline in the PE of the BE classes.

Keywords: Physical Education. Formative Needs. Indiscipline.

¹ Licenciado em Educação Física (UFPeI); Mestre em Ciência do Movimento Humano (UFMS); Doutor em Educação (UNICAMP/UFMS); Doutor em Ciência do Movimento Humano (UFMS); Professor Aposentado do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFMS); Ex-Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado-Doutorado) e ex-Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (Mestrado) ambos da Universidade Federal de Santa Maria (UFMS).

² Licenciada em Educação Física (UNICRUZ); Fisioterapeuta (UNICRUZ); Mestre em Educação Física (UFPeI); Doutora em Educação Física (UFSC); Professora Adjunta do Departamento de Humanidades e Educação, Professora do Curso de Bacharelado em Educação Física e Professora Tutora do Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Saúde da Família da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, achamos importante salientar que, em tempos recentes, pesquisas sobre a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física (EF) na Educação Básica (EB) vêm ganhando espaço nos periódicos nacionais, e, nesse sentido, apontamos algumas investigações: Krug (2022a); Krug (2022b); Krug e Krug (2019); Sousa; Rocha e Solano (2016); e, Krug e Krug (2014).

Entretanto, mesmo diante deste cenário de intensificação de investigações, Krug *et al.* (2019b) chamam à atenção de que, há muito tempo, a indisciplina dos alunos na escola deixou de ser um evento esporádico para se tornar um dos maiores obstáculos pedagógicos no processo ensino-aprendizagem.

Desta forma, Jesus (*apud* KRUG *et al.*, 2020a, p. 7) afirma que “[...] a indisciplina dos alunos integra todos os comportamentos e atitudes perturbadoras, inviabilizando o trabalho que o professor deseja desenvolver”.

Já Moura e Prodócimo (2017, p. 49) destacam que a indisciplina dos alunos “[...] é um fenômeno existente nas escolas que cria enormes dificuldades para docentes e alunos. Atrapalha sensivelmente a evolução das aulas, prejudica as relações entre os discentes e desses com os funcionários, professores e gestores [...]”.

Aquino (*apud* KRUG; KRUG, 2019, p. 12) ressaltam que “[...] a indisciplina dos alunos contribui, entre outros fatores, para uma precarização do ambiente escolar influenciando a prática pedagógica do professor, gerando dificuldades desses em exercer a sua profissão”. Essa precarização do trabalho docente também é denunciada por Krug (2017b).

Assim sendo, vários estudos recentes (KRUG, 2022a; KRUG, 2019a; KRUG, 2019b; KRUG, 2019c; KRUG; KRUG, 2019; KRUG; KRUG; TELLES, 2019; KRUG *et al.*, 2019b; e, KRUG, 2017a) constataram que a indisciplina dos alunos nas aulas é uma das principais dificuldades enfrentadas na prática pedagógica de professores de EF da EB. Dessa maneira, Krug e Bastos (2002) e Krug (2004) destacam que a indisciplina dos alunos é um dos fatores que interfere negativamente na prática pedagógica dos professores de EF da EB, fato esse reafirmado por Krug (2019c).

Além disso, Krug; Krug e Krug (2019) e Krug; Krug e Telles (2019) indicam que a indisciplina dos alunos origina os sentimentos de insatisfação, desânimo, frustração e raiva nos professores de EF da EB, o que, segundo Krug *et al.* (2019c), possui consequências negativas nos professores que podem levá-los ao absenteísmo ou ao abandono da profissão.

Diante deste cenário, emergiu o tema ‘necessidades formativas de professores de EF da EB, diante da indisciplina dos alunos’, pois, para Sousa *et al.* (2016, p. 578), “a indisciplina dos alunos continua sendo um fenômeno que ocupa lugar de destaque no ambiente escolar, sendo vivenciada de forma intensa por todos que fazem parte da instituição escolar [...]”, sendo que, “[...] a maioria dos professores não sabe como interpretar e administrar o ato indisciplinado” (AQUINO *apud* KRUG *et al.*, 2019b, p. 231) e, nesse sentido, lembramos Nunes e Ramalho (2006) que ressaltam que é a partir das atividades profissionais dos professores, que são reveladas as suas necessidades formativas.

Neste cenário, Krug *et al.* (2019a, p. 24) destacam que “[...] na literatura especializada, aparecem várias definições de necessidade” formativa.

Para Monteiro (*apud* MARCELO GARCIA, 1995, p. 67-68), necessidade formativa é o “[...] conjunto de desejos, problemas, carências e deficiências encontradas pelos professores no desenvolvimento de seu ensino”. Já, conforme Nunes e Ramalho (2006), o conceito de necessidade no professor é visto como algo útil, imprescindível num dado momento, ligado a valores, que partem das experiências anteriores, e que definem a procura de algo que falta para poder, conscientemente, fazer o trabalho docente com maior profissionalismo.

Desta maneira, de acordo com Krug *et al.* (2013, p. 253), “[...] a partir dos problemas (dificuldades) diagnosticados(as) pelos professores em serviço [...] a respeito de sua prática profissional [...]” é que são constatadas as necessidades formativas (inserção nossa). Nesse contexto, citamos Rodrigues e Esteves (1993) que aconselham que o diagnóstico das necessidades formativas manifestadas na prática profissional deve ser integrador da formação continuada, pois a análise das necessidades significa conhecer os interesses, as expectativas, os problemas/dificuldades dos professores, na tentativa de garantir o ajustamento ótimo de um programa de formação continuada. Nesse sentido, uma das formas para encontrar, conhecer e justificar as necessidades é considerando a compreensão dos docentes, pois ninguém conhece melhor as necessidades do que aqueles que as têm. Assim, de um modo geral, “[...] o conhecimento das necessidades de uma população faz diminuir o grau de incerteza quanto ao que deve ser feito” (RODRIGUES; ESTEVES, 1993, p. 20).

Já, segundo Nunes e Ramalho (2006), as necessidades docentes têm origem na prática, e como categoria norteadora faz-se necessário pesquisar a prática educativa do professor em seu cotidiano.

Desta forma, embasando-nos nas premissas anteriormente descritas, formulamos a seguinte questão problemática, norteadora do estudo: quais são as percepções de professores de EF da

EB, da rede pública de ensino, de uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul – RS (Brasil), sobre as suas necessidades formativas diante da indisciplina dos alunos?

A partir desta indagação, o estudo objetivou analisar as percepções de professores de EF da EB, da rede pública de ensino, de uma cidade do interior do estado do RS (Brasil), sobre as suas necessidades formativas diante da indisciplina dos alunos.

Justificamos a realização deste estudo, ao mencionarmos Nunes e Ramalho (2006, p. 2) que afirmam que “[...] as necessidades formativas dos professores se constituem num campo necessário e, ainda pouco explorada, nos processos de formação inicial e continuada”. Assim sendo, Krug *et al.* (2013, p. 254-255) ressaltam que “[...] compreender as necessidades formativas é avançar nas perspectivas sobre a formação docente e no trato do conhecimento específico da Educação Física Escolar”. Além disso, citamos Aquino (*apud* KRUG; KRUG, 2019, p. 5) que destaca que “[...] pesquisas sobre a indisciplina são relevantes, pois essa afeta a convivência de professores e alunos influenciando em dificuldades na prática pedagógica dos professores [...]”. Já Moura e Prodócimo (2017, p. 49) dizem que “[...] o tema ainda é tratado como um tabu em muitas escolas, que evitam discussões sobre essa questão entre os educandos e educadores”.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao tratarmos dos procedimentos metodológicos lembramos Bernardi; Ilha e Krug (2012, p. 80) que destacam que a realidade educacional é “[...] uma construção dinâmica e complexa, onde a qual influencia e é influenciada pelo meio sócio-cultural [...]” e, nesse sentido, acreditamos que o caminho mais adequado para atingirmos o objetivo traçado nesse estudo foi através dos pressupostos que norteiam a pesquisa qualitativa. Assim, caracterizamos este estudo como de abordagem qualitativa sob a forma de estudo de caso.

De acordo com Richardson (1999, p. 135), a pesquisa qualitativa descritiva “[...] pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados [...]”. Acrescenta que a descrição visa à identificação, o registro e observação das características, dos fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo. Já, segundo Possebon (2004, p. 52), o estudo de caso é uma “[...] análise detalhada, compreensiva, sistemática e em profundidade do caso elemento de interesse”.

Assim, nesta investigação, o caso estudado referiu-se aos professores de EF da EB, de uma cidade do interior do estado do RS (Brasil).

Neste sentido, a justificativa da escolha da forma de pesquisa qualitativa descritiva e estudo de caso fundamentou-se em Krug *et al.* (2020b, p. 4) que afirmam que essa abordagem de pesquisa possibilita “[...] se analisar um ambiente em particular, onde se leva em conta o contexto social e sua complexidade para compreender e retratar uma realidade em particular e um fenômeno em especial [...]” que, no caso deste estudo, foi ‘as percepções de professores de EF da EB, sobre as suas necessidades formativas, diante da indisciplina dos alunos’.

Para a coleta de informações foi utilizada uma entrevista, que, segundo Cruz Neto (2002, p. 57),

[...] é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos autores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletiva.

Ressaltamos que o roteiro da entrevista abordou o objetivo geral do estudo e que as entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo retornada ao informante para leitura e conferência das informações.

A interpretação das informações coletadas pelo instrumento de pesquisa foi efetuada por meio da análise de conteúdo, que, de acordo com Cortes (1998, p. 29), “[...] tem como pressuposto fundamental categorizar, visando identificar (ou construir) estruturas para a elaboração de modelos”. Para Moraes (1999), categorização é um procedimento de agrupar dados, considerando a parte comum existente entre eles, classificando-os por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos no processo.

Participaram do estudo vinte professores de EF da EB, da rede pública de ensino, de uma cidade do interior do estado do RS (Brasil), que possuíam alunos indisciplinados em suas aulas. Esse público de colaboradores está em consonância com o apontado por Minayo (2008, p. 43) de que “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir a sua representatividade. Uma pergunta importante [...] é quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado”?

Relativamente aos aspectos éticos vinculados às pessoas científicas ressaltamos que todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e suas identidades foram preservadas (numerados de 1 a 20).

Para a compreensão do contexto social achamos necessário salientarmos as seguintes ‘características pessoais e profissionais’ dos colaboradores, conforme apresentadas no quadro 1.

Quadro 1 – Algumas características pessoais e profissionais dos professores de EF da EB estudados.

Características			Total/professores
Pessoais	Sexo	Masculino	8
		Feminino	12
	Faixa etária	De 28 a 50 anos	20
Profissionais	Formação inicial	Licenciatura/EF	20
	Atuação com alunos indisciplinados	Sim	20
	Tempo de serviço	De 3 a 25 anos	20
	Rede de ensino	Municipal	20

Fonte: Informações dos participantes.

Elaboração: Os autores.

A partir do quadro 1 convém esclarecermos que o sexo, a faixa etária e o tempo de serviço não foram objeto deste estudo, sendo que serviram somente como ilustração. As características profissionais de formação inicial (Licenciatura em EF), ser lotado na rede de ensino municipal e ter atuação com alunos indisciplinados nas aulas de EF é que foram os aspectos imprescindíveis para ser participante do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e as discussões deste estudo foram orientados e explicitados a partir do seu objetivo geral, pois esse representou a única categoria de análise existente (necessidades formativas, diante da indisciplina dos alunos), fato esse em consonância com o afirmado por Minayo (2008) de que a(s) categoria(s) de análise pode(m) ser gerada(s) previamente à pesquisa de campo.

Considerando, então, as necessidades formativas dos professores de EF da EB, diante da indisciplina dos alunos, como única categoria de análise deste estudo, após à análise das informações coletadas, emergiram ‘quatro unidades de significados’. Segundo Molina Neto (2004), unidades de significados são como enunciados do informante que são significativos tanto para o colaborador (pesquisado) como para o pesquisador, sendo atribuídos aos pressupostos teóricos da pesquisa. Dessa forma, as unidades de significados foram descritas a seguir.

A primeira e principal unidade de significado manifestada foi ‘saber bem o conceito de indisciplina’**** (onze citações – Professores: 5; 8; 10; 11; 12; 13; 15; 16; 17; 18 e 19). Essa necessidade formativa dos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos

alunos, pode ser, inicialmente, fundamentada em Luft (2000) que afirma que conceito significa a compreensão que alguém tem de uma palavra; noção, concepção, ideia. Nesse sentido Krug e Krug (2019, p. 12) apontam que os professores de EF iniciantes na EB possuem três entendimentos do conceito de indisciplina: “[...] atos praticados pelos alunos que vão contra as normas estabelecidas pela escola e pelo professor; [...] atos praticados pelos alunos que prejudicam o andamento da aula e/ou aprendizado; [...] atos de falta de respeito dos alunos com o professor e/ou colegas [...]”. Já Krug e Krug (2014, p. 4) constataram que os acadêmicos de EF em situação de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) na EB possuem seis entendimentos do conceito de indisciplina:

[...] comportamento do aluno que prejudica o andamento da aula e/ou aprendizagem [...]; falta de respeito com o professor e colegas [...]; comportamentos que fogem do padrão estabelecido pelo professor [...]; ato contra tudo que é disciplina [...]; e, não respeitar às regras básicas e mínimas da escola [...].

Assim, neste cenário, mencionamos Rego (1996) que diz que existe uma falta de clareza e consenso a respeito do significado do termo indisciplina, sendo que a maior parte das análises parece expressar as marcas de um discurso fortemente impregnado pelos dogmas e muitos do senso comum. Ainda destaca que os conceitos de indisciplina estão longe de serem consensuais, não só pela complexidade, mas também pela multiplicidade de interpretações que o tema encerra. Esta autora ainda salienta que o conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. Dessa maneira, podemos inferir que saber bem o conceito de indisciplina com mais propriedade, isto é, com mais clareza e as devidas influências das diferentes culturas e sociedades, pode vir a tornar-se uma necessidade formativa para os professores de EF da EB para que consigam melhorar a qualidade de sua atuação docente.

‘Saber sobre as causas que provocam a indisciplina dos alunos’* (nove citações – Professores: 3; 7; 8; 12; 13; 14; 15; 18 e 19) foi a segunda unidade do significado manifestada. Em relação a essa necessidade formativa dos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos, primeiramente, citamos Luft (2000) que diz que, causa significa o que faz com que algo exista ou aconteça; origem, motivo, razão. Nesse sentido, Krug e Krug (2019, p. 12) constataram que os professores de EF iniciantes na EB possuem três entendimentos das causas da indisciplina dos alunos: “[...] a família dos alunos; [...] a sociedade atual desajustada; e, [...]”

a falta de interesse dos alunos pelas atividades propostas nas aulas [...]”. Já Krug e Krug (2014, p. 5) concluíram que os acadêmicos de EF em situação de ECS na EB possuem nove entendimentos das causas da indisciplina dos alunos:

[...] desajustes familiares [...]; falta de respeito dos alunos com o professor e colegas [...]; vontade do aluno de aparecer para os colegas [...]; desajustes sociais [...]; baixo interesse dos alunos pelas atividades propostas na aula [...]; falta de diálogo entre professor e alunos [...]; incapacidade do professor de controlar a turma [...]; muita liberdade dada pelo professor aos alunos [...]; e, hiperatividade dos alunos [...].

Assim, neste cenário, nos remetemos a Rego (1996) que afirma que, no cotidiano escolar, os educadores aturdidos e perplexos com o fenômeno da indisciplina, tentam buscar, ainda que de modo impreciso e pouco aprofundado, explicações para a existência de tal manifestação. A autora aponta que, muito frequentemente, os educadores vêem a indisciplina como sinal dos tempos modernos, revelando certa saudade das práticas escolares e sociais de outrora, que não davam margem à desobediência e inquietação por parte das crianças e adolescentes. Também é comum verem a indisciplina na aula como reflexo da pobreza e da violência presente, de modo geral, na sociedade e fomentada, de modo particular, nos meios de comunicação, especialmente a TV. Muitos atribuem a culpa pelo comportamento indisciplinado do aluno à educação recebida na família, assim à dissolução do modelo nuclear familiar. Outros parecem compreender que a manifestação de maior ou menor indisciplina no cotidiano escolar está relacionada aos traços de personalidade de cada aluno. Um outra maneira de justificar as causas da indisciplina na escola, bastante presente no ideário educacional, se refere à tentativa de associar o comportamento indisciplinado à alguns traços inerentes à infância e à adolescência. Nesse sentido, Rego (1996) sugere que estas posições precisam ser revistas, já que as explicações, mitos e crenças sobre o fenômeno da indisciplina na aula difundidos no meio educacional, além de acarretarem preocupantes implicações à prática pedagógica, se embasam em pressupostos preconceituosos, superados e equivocados sobre as bases psicológicas, biológicas e culturais envolvidas na formação de cada pessoa. Dessa maneira, podemos inferir que saber sobre as causas que provocam a indisciplina dos alunos, isto é, com mais clareza e as devidas explicações das bases psicológicas, biológicas e culturais envolvidas na formação de cada pessoa, pode vir a tornar-se uma necessidade formativa para os professores de EF da EB para que consigam melhorar a qualidade de sua atuação profissional.

Outra unidade de significado manifestada, a terceira, foi ‘saber sobre as consequências da indisciplina dos alunos’* (oito citações – Professores: 1; 4; 7; 12; 15; 16; 17 e 18). Sobre essa necessidade formativa dos professores de EF da EB estudados, antecipadamente, nos

reportamos a Luft (2000) que coloca que consequência significa algo produzido por uma causa; efeito, resultado. Nesse sentido, Krug e Krug (2019, p. 12) verificaram que, os professores de EF iniciantes na EB possuem cinco entendimentos das consequências da indisciplina dos alunos: “[...] a perda do controle da turma pelo professor; [...] a geração de mais agressões entre os alunos; [...] atrapalha o andamento da aula; [...] prejudica o aprendizado do aluno; e, [...] perda ou diminuição da motivação do professor em ensinar o aluno [...]”. Já Krug e Krug (2014, p. 6) constaram que os acadêmicos de EF em situação de ECS na EB possuem sete entendimentos das consequências da indisciplina dos alunos:

[...] atrapalha o andamento das atividades [...]; ocorrência de animosidade entre professor e alunos [...]; dificuldade de aprendizagem pelos alunos [...]; gera mais agressões entre os alunos [...]; término antecipado da aula [...]; perda do controle da aula pelo professor [...]; e, perda de tempo da aula [...].

Assim, neste cenário, citamos Taille (1996) que destaca que a indisciplina dos alunos tem diversas consequências para o processo ensino-aprendizagem e salienta que a disciplina é boa por que, sem ela, há poucas chances de se levar à bom termo um processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Krug e Krug (2019, p. 10) apontam que “[...] as consequências da indisciplina dos alunos incidem ‘totalmente’ sobre a [...] ação pedagógica (do professor) nas aulas de EF” (inserção nossa). Dessa maneira, podemos inferir que saber as consequências da indisciplina dos alunos, isto é, com mais clareza, pois as mesmas incidem sobre a prática pedagógica, pode vir a tornar-se uma necessidade formativa para os professores de EF da EB para que consigam melhorar a qualidade de sua atuação profissional.

A quarta e última unidade de significado manifestada foi ‘saber como tratar os alunos indisciplinados’**** (sete citações – Professores: 2; 5; 6; 9; 10; 11 e 20). Relativamente a essa necessidade formativa dos professores de EF da EB, diante da indisciplina dos alunos, inicialmente, nos referimos a Luft (2000) que destaca que tratamento significa ação ou efeito do tratar(-se); trato. Nesse sentido, Krug e Krug (2019, p. 12) concluíram que os professores de EF iniciantes na EB possuem cinco entendimentos de como tratar os alunos indisciplinados: “[...] prescrevendo as regras das aulas; [...] encaminhando os alunos para a direção; [...] dialogando com os alunos; [...] tentando refletir com os alunos para compreender as causas; e, [...] não sei como fazer [...]”. Já Krug e Krug (2014, p. 7) observaram que os acadêmicos de EF em situação de ECS na EB possuem seis entendimentos de como tratar os alunos indisciplinados:

[...] conversar individualmente com o aluno [...]; retirar o aluno da aula [...]; colocar o aluno como ajudante ou centro nas atividades [...]; conversar de forma geral com todos os alunos [...]; chamar à atenção do aluno [...]; e, ameaçar retirar o aluno da aula [...].

Assim, diante desta variedade de entendimentos de como tratar os alunos indisciplinados, tanto pelos professores de EF iniciantes na EB, quanto pelos acadêmicos de EF em situação de ECS na EB, citamos Valle e Zamberlan (1996) que afirmam que os professores em geral não sabem lidar com a indisciplina dos alunos. Dessa forma, consideramos importante mencionar Jesus (2001) que especificamente, no que se refere à gestão da indisciplina dos alunos, recomenda que são necessárias medidas ao nível sócio-político, ao nível da escola e ao nível da relação pedagógica do professor. Dessa maneira, podemos inferir que saber como tratar os alunos indisciplinados, isto é, com mais clareza, pois é preciso que o docente procure soluções a partir de conhecimentos teóricos, bem como a partir de sua própria experiência, e, assim sendo, pode vira tornar-se uma necessidade formativa para os professores de EF da EB para que consigam melhorar a qualidade de sua atuação profissional.

Assim, estas foram as necessidades formativas dos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos.

Ao elaborarmos uma ‘análise geral’, sobre as necessidades formativas dos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos, constatamos que estas necessidades formativas estão ‘divididas em duas categorias’, sendo ‘uma’ categoria (duas do total de quatro) ‘relativa às sofridas pelos próprios professores’**** (primeira e quarta unidades de significados) e ‘outra’ categoria (duas do total de quatro) ‘relativa aos alunos’* (segunda e terceira unidades de significados). Convém destacarmos que não foi apontada ‘nenhuma’ necessidade formativa ‘relativa ao currículo’** e ‘relativa à escola enquanto organização’***. Essa análise está fundamentada em Hewton (*apud* MARCELO GARCIA, 1995) que classifica os tipos de necessidades formativas nas seguintes categorias: a) relativas aos alunos* - quando envolvem a aprendizagem, diversidade, disciplina, rendimento, motivação; b) relativas ao currículo** - quando trata de aperfeiçoamento profissional, estilos de ensino, de comunicação, de avaliação, de definição de objetivos; c) relativas à escola enquanto organização*** - quando envolve os alunos, a organização, os professores, o clima escolar, as relações com o ambiente exterior à ela; e, d) relativas às sofridas pelo próprio professor**** - quando estão ligadas à abordagem dos professores como profissionais e como pessoas, desenvolvimento da carreira docente, a satisfação no trabalho.

Vale ressaltarmos que as ‘quatro necessidades formativas’ apontadas pelos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos, tiveram no ‘total’ ‘trinta e cinco citações’,

sendo a ‘maioria’ (dezoito citações) ‘relativa às sofridas pelos próprios professores’**** e a ‘minoridade’ (dezessete citações) ‘relativa aos alunos’*.

Ao realizarmos uma ‘análise parcial’, sobre a ‘quantidade de necessidades formativas’, citadas individualmente por cada um dos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos, constatamos que ‘três’ professores (12; 15 e 18) ‘citaram três necessidades formativas’, ‘nove’ (5; 7; 8; 10; 11; 13; 16; 17 e 19) ‘duas necessidades formativas’ e ‘oito’ professores (1; 2; 3; 4; 6; 9; 14 e 20) ‘uma necessidade formativa’. Diante desse quadro mostrado, ainda constatamos que a ‘totalidade’ (vinte) dos professores de EF da EB estudados, ‘apontaram necessidades formativas para trabalhar com a indisciplina dos alunos’.

A partir destas constatações, podemos inferir que, de forma geral, as necessidades formativas dos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos, são de duas categorias: as relativas às sofridas pelos próprios professores e as relativas aos alunos. Nesse sentido, nos referimos à Nunes e Ramalho (2006, p. 4) que ressaltam que

[a] origem das necessidades formativas, ou seja, a necessidade de formar determinadas competências, saberes, etc., não podem situar-se só nos indivíduos, mas também nas instituições onde desenvolvem ou desenvolverão suas atividades, dentro do contexto da sociedade.

Desta forma, também inferimos que os professores de EF da EB estudados precisam olhar para a instituição escola, bem como para a sociedade vigente como potenciais influenciadores do conceito de indisciplina, das causas e consequências da indisciplina dos alunos e porque não, nas formas como enfrentá-las.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações coletadas e analisadas permitiram a ‘identificação de quatro necessidades formativas’ dos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos. Foram elas: ‘saber bem o conceito de indisciplina’****; ‘saber sobre as causas que provocam a indisciplina dos alunos’*; ‘saber sobre as consequências da indisciplina dos alunos’*; e, ‘saber como tratar os alunos indisciplinados’****.

Neste rol de necessidades formativas constatamos que as mesmas estão ‘divididas em duas categorias’, sendo uma ‘relativa às sofridas pelos próprios professores’**** e outra ‘relativa aos alunos’*, sendo que ‘nenhuma’ necessidade formativa ‘relativa ao currículo’** e ‘relativa à escola enquanto organização’*** foi apontada.

Diante deste cenário constatado, podemos destacar que o rol das necessidades formativas elencado pelos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos, confirma o dito por Moura e Prodócimo (2017, p. 49) que afirmam que a indisciplina escolar “[...] é um fenômeno existente nas escolas que cria enormes dificuldades para docentes e alunos. Atrapalha sensivelmente a evolução das aulas, prejudica as relações entre os discentes e desses com os funcionários, professores e gestores [...]”. Já Aquino (1996) destaca que a indisciplina dos alunos contribui, entre outros fatores, para uma precarização do ambiente escolar gerando dificuldades para o professor exercer a sua profissão.

A partir das constatações deste estudo podemos inferir que a atuação docente em EF na EB, diante da indisciplina dos alunos, é complexa, mas importante, pois pode apontar necessidades formativas que, sem dúvida, devem ser abordadas na formação continuada, para que venham a colaborar com a melhoria da qualidade do ensino da EF Escolar. Nesse cenário, lembramos Rodrigues e Esteves (1993) que indicam que a análise das necessidades pode centrar-se no professor, visando ‘abrir horizontes’ para a auto-formação, através da conscientização das lacunas da formação, problemas da prática pedagógica, interesses e motivações.

Assim, concluímos que as necessidades formativas manifestadas pelos professores de EF da EB estudados, diante da indisciplina dos alunos, mostraram um problema crucial, isto é, o despreparo docente para enfrentar a indisciplina dos alunos nas aulas de EF da EB.

Para finalizarmos, ressaltamos que este estudo realizou-se nas especificidades e nos contextos de uma cidade em particular e de professores de EF da EB em específico e que, por isso, não podem ser generalizados os seus achados. Nesse sentido, sugerimos a realização de estudos mais amplos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, modalidade e conhecimento. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

BERNARDI, Ana Paula; ILHA, Franciele Ross da Silva; KRUG, Hugo Norberto. O projeto pedagógico: possibilidade de desenvolvimento profissional do professor de Educação Física. **Revista Biomotriz**, Cruz Alta, v. 6, n. 2, p. 77-93, dez. 2012.

CORTES, Soraya M. Vargas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. In: NEVES, Clarissa E. B.; CORRÊA, Maíra B. (Orgs.). **Pesquisa social empírica: métodos e técnicas**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. p. 11-47.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 51-66.

JESUS, Saúl Neves de. Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos? **Cadernos do CRIAPE**, Porto: ASA Editores, 2001.

KRUG, Hugo Norberto. **Rede de auto-formação participada como forma de desenvolvimento do profissional de Educação Física**. 2004. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

KRUG, Hugo Norberto. Comparação das dificuldades encontradas na prática pedagógica em Educação Física de acadêmicos em situação de Estágio Curricular Supervisionado e professores iniciantes na Educação Básica. **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 1-13, nov. 2017a. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/comparacao-das-dificuldades-encontradas-na-pratica-pedagogica-em-educacao-fisica-de-academi...> . Acesso em: 22 out. 2020.

KRUG, Hugo Norberto. A precarização do trabalho docente em Educação Física na Educação Básica. **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 1-12, nov. 2017b. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-precarizacao-do-trabalho-docente-em-educacao-fisica-na-educacao-basica> . Acesso em: 22 out. 2020.

KRUG, Hugo Norberto. As dificuldades na gestão de aula em diversas fases da carreira de professores de Educação Física da Educação Básica. **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 1-13, out. 2019a. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/dificuldades-na-gestao-de-aula-em-diversas-fases-da-carreira-de-professores-de-educacao-fisica-da...> . Acesso em: 22 out. 2020.

KRUG, Hugo Norberto. Apontamentos sobre as dificuldades na prática pedagógica em Educação Física: o caso dos professores iniciantes. **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 1-10, set. 2019b. Disponível em: <http://www.gestauniversitaria.com.br/artigos/apontamentos-sobre-as-dificuldades-na-pratica-pedagogica-em-educacao-fisica-o-caso-dos-professore...> . Acesso em: 22 out. 2020.

KRUG, Hugo Norberto. Os fatores que dificultam e que facilitam a prática pedagógica de professores de Educação Física da Educação Básica. **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 1-13, jul. 2019c. Disponível em: <http://www.gestauniversitaria.com.br/artigos/os-fatores-que-dificultam-e-que-facilitam-na-pratica-pedagogica-de-professores-de-educacao-fisica-da-e...> . Acesso em: 23 out. 2020.

KRUG, Hugo Norberto. A indisciplina nas aulas de Educação Física na Educação Básica: as marcas docentes positivas e negativas. **Revista Saberes Docentes**, Juína, v. 7, n. 13, p. 34-45, jan./jun. 2022a.

KRUG, Hugo Norberto. Os saberes necessários à prática docente em Educação Física na Educação Básica, diante da indisciplina dos alunos, nas percepções de professores da área. **Revista Querubim**, Niterói, a. 18, n. 48, v. esp. 1 – EF, p. 32-41, out. 2022b.

KRUG, Hugo Norberto; BASTOS, Fábio da Purificação de. A construção do conhecimento prático do professor de Educação Física: um estudo de caso etnográfico. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 27, n. 02, p. 127-146, 2002.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Rodrigo de Rosso. Problemas/dificuldades/desafios da formação profissional e da prática pedagógica de professores de Educação Física. **Revista Biomotriz**, Cruz Alta, v. 12, n. 2, p. 1-25, ago. 2018.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Rodrigo de Rosso. A indisciplina dos alunos da Educação Básica nas aulas de Educação Física de professores iniciantes na carreira docente. **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 1-14, nov. 2019. Disponível em: <http://www.gestauniversitaria.com.br/artigos/a-indisciplina-dos-alunos-da-educacao-basica-nas-aulas-de-educacao-fisica-de-professores-ini...> . Acesso em: 21 out. 2020.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Rodrigo de Rosso; KRUG, Moane Marchesan. Sentimentos vivenciados pelos professores de Educação Física da Educação Básica em suas interações com os alunos. **Revista Querubim**, Niterói, a. 15, n. 39, v. 2, p. 87-96, 2019.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Moane Marchesan; TELLES, Cassiano. Os sentimentos expressos pelos professores de Educação Física da Educação Básica frente às dificuldades da prática pedagógica. **Revista Biomotriz**, Cruz Alta, n. 13, n. 2, p. 49-68, 2019.

KRUG, Hugo Norberto; IVO, Andressa Aita; CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da; ILHA, Franciele Roos da Silva; KRUG, Rodrigo de Rosso. Necessidades formativas de acadêmicos de Licenciatura em Educação Física em situação de Estágio Curricular Supervisionado. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 8, n. 1, p. 252-274, 2013.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Marília de Rosso; KRUG, Rodrigo de Rosso; KRUG, Moane Marchesan; TELLES, Cassiano. Necessidades formativas de professores de Educação Física iniciantes na Educação Básica. **Revista Querubim**, Niterói, a. 15, n. 38, v. 4, p. 23-31, 2019a.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Rodrigo de Rosso; KRUG, Marília de Rosso; KRUG, Moane Marchesan; TELLES, Cassiano. As dificuldades pedagógicas em diversas fases da carreira de professores de Educação Física na Educação Básica. **Horizonte - Revista de Educação**, Dourados, v. 7, n. 13, v. 4, p. 223-246, jan./jun. 2019b.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Marília de Rosso; KRUG, Rodrigo de Rosso; KRUG, Moane Marchesan; TELLES, Cassiano. A docência em Educação Física na Educação Básica: os fatores indicativos de (in)satisfação profissional em diferentes fases da carreira. **Revista Querubim**, Niterói, a. 15, n. 38, v. 4, p. 13-22, 2019c.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Marília de Rosso; KRUG, Rodrigo de Rosso; KRUG, Moane Marchesan. O bom professor de Educação Física da Educação Básica na percepção da Gestão Escolar. **Revista Acadêmica da Faculdade Fernão Dias**, Osasco, v. 7, n. 24, p. 1-17, 2020a.

KRUG, Hugo Norberto; KRUG, Marília de Rosso; KRUG, Rodrigo de Rosso; KRUG, Moane Marchesan. Indicativos de (des)valorização da Educação Física na Educação Básica: a

percepção de professores em diferentes fases da carreira. **Revista UNIFAMMA**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 1-19, 2020b.

KRUG, Rodrigo de Rosso; KRUG, Hugo Norberto. Indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física. **Revista Psicopedagogia On Line**, São Paulo, p. 1-10, out. 2014. Disponível em: http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1745. Acesso em: 23 out. 2020.

LUFT, Celso Pedro. **MiniDicionário Luft**. São Paulo: Ática/Scipione, 2000.

MARCELO GARCIA, Carlos. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. p. 51-76.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Introdução à metodologia de pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hubitec/Abrasco, 2008.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas e investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (Orgs.). **A pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MORAES, Roque Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURA, Dirley Aparecido de; PRODÓCIMO, Elaine. Indisciplina escolar na perspectiva de docentes e gestores de escolas estaduais de Indaiatuba/SP. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 47-63, jul. 2017.

NUÑES, Isauro Beltran; RAMALHO, Betânea Leite. Estudo da determinação das necessidades de professores: o caso do novo Ensino Médio no Brasil – elemento norteador do processo formativo (inicial/continuado). **Revista Iberoamericana de Educación**, [S.I.], p. 1-18, 2006.